

**CAMPUS
DRIVERS**

SUPERMAD



Amostra

C. S. QUILL



Tradução de
Ellen Mendes

AN ALTA
NOVEL

Campus Drivers: Supermad

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2020 C. S. QUILL

ISBN: 978-85-508-2881-7

Translated from original Campus Drivers Supermad. Copyright © 2020 by C.S. Quill, New Romance®, département de Hugo Publishing. ISBN 9782755671704. This edition is published by arrangement with Hugo Publishing in conjunction with its duly appointed agents Books And More Agency #BAM, Paris, France and LVB & Co. Agência, Rio de Janeiro, Brazil. All rights reserved. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2026 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q55s

Quill, C. S.:

Campus Drivers: Supermad / C. S. Quill : tradução de Ellen Mendes. — 1.ed. — Rio de Janeiro : Alta Novel, 2026.

348 p. : il. : 13,7 x 21 cm.

ISBN 978-85508288-17

1. Literatura. 2. Ficção francesa.

I. Título. II. Mendes, Ellen.

CDD 843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção / romance em língua francesa (843)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutus
Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis
Tradução: Ellen Mendes
Copidesque: Helena Coutinho
Revisão: Nathalia Marques



Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



Para Joe,
Porque o táxi é a vida dele.

Amostra

1



LANE

Já passa da meia-noite quando Carter para na frente do meu prédio com aquele Ford velho e imundo dele. Não sei como ele aguenta andar numa lata-velha dessas. Puxa o freio de mão com um rangido estridente e abaixa o volume do rádio.

— E aí, qual a sensação de ser o passageiro? — provoca ele, apoiando o braço no encosto do banco.

— Sofro em silêncio... — retruco, apertando os lábios. — Eu não deveria ser amigo de alguém sem o menor gosto pra carros.

— Não insulte a minha máquina. Não fazem mais carros como este!

— Ainda bem! Juro que quase morri três vezes só hoje. Confessa que você comprou a carteira no Novo México!

— Não!

— Dormiu com o examinador?

— Não!

— Com a mãe do examinador?

— Sou um piloto, cara!

— Um piloto dispráxico e míope, isso sim.

— Que ingrato! Sou como um pai pra você, Lane, e é assim que me agradece?

— O karma joga contra mim quando o assunto é pai! Mas valeu por ter sido meu motorista esses últimos dias.

— Sempre às ordens, docinho.

Levanto uma sobrançelha e me afasto quando ele se aproxima do meu rosto, fazendo biquinho.

— Vou buscar meu bebê na oficina em algumas horas, amém! Um carro de verdade, polido e revisado!

— Bem a tempo do início das aulas. Seria um pecado deixar as meninas do campus sem o motorista delas.

Dou risada enquanto destravo o celular e abro o aplicativo que criamos há um ano, eu e meus melhores amigos: Campus Drivers, ou como se deixar levar pelo campus em três cliques. Uma baita ideia, ótima tanto pra encher meu bolso quanto pra esvaziar minhas bolas. O verão está acabando e eu mal posso esperar para voltar à ativa.

— Já estou bem requisitado pros próximos dias — provoco, balançando a tela diante dos olhos vermelhos dele.

— As aulas nem começaram e elas já estão se jogando em cima de vocês. Que nojo!

— Se você tivesse usado os neurônios, poderia ter se matriculado na universidade! — lembro, dando de ombros.

Quando o reitor aceitou nosso projeto de atender o campus e os arredores, impôs algumas regras bem específicas: mijar num potinho de vez em quando, evitar pegar as clientes dentro da faculdade e, é claro, estudar lá. Carter não dá conta de cumprir nem uma dessas regras — sem matrícula, sem chance.

— Isso não é pra mim — resmunga, espreguiçando-se. — Ficar sentado ouvindo uma velha na menopausa dar palestra sobre a Revolução Espanhola... — Ele finge ânsia e continua: — Trabalho nos meus roteiros de forma independente, e isso já me dá todo o barato de que preciso!

— Falando nisso, você passa amanhã à noite pra terminarmos as últimas cenas?

— Sim, senhor!

— Boa noite, Carter — concluo, saindo do carro.

— Pra você também, mano! Ei, Lane, espera aí!

Dou meia-volta em direção à porta que acabei de bater.

— Aqui, não esquece isso!

— Que idiota. Valeu!

Enfio a carteira no bolso de trás do jeans, junto com o celular, e caminho sem pressa até a entrada do prédio onde moro. Meus amigos gostam de morar juntos em uma das residências do campus, mas eu prefiro a solidão do meu apartamento. Fica perto o bastante da universidade, mas longe o suficiente pra garantir minha paz. Além disso, me permite pegar as clientes mais afastadas.

Digito o código, empurro a porta com o ombro e sigo para a escada. Costumo sempre usar o elevador. Principalmente porque moro no último andar e sou preguiçoso, mas também porque evito cruzar com a tarada do terceiro andar. Ela nunca sai de casa, mas é só me ouvir passar que aparece para tentar beliscar minha bunda. Um tipo de sexto sentido de maluca. Só que o elevador está quebrado há dois dias. Ou seja, vou ter que encarar a tarada do 3B por minha conta e risco. Tomara que, a essa hora, ela esteja ocupada dando uns amassos no travesseiro florido dela.

Os degraus rangem sob meus pés, faço uma careta e acelero o passo. Disparo pelo corredor do primeiro andar; nem sei quem mora ali. Na maior parte do tempo, estou na faculdade, dirigindo ou trancado em casa, trabalhando nos roteiros com Carter. Quando saio, é sempre muito cedo ou muito tarde. Resumindo: fora a obcecada que deve passar as noites grudada no olho mágico, não conheço meus vizinhos, e estou bem assim. *Lane O'Neill, a cota antissocial dos Campus Drivers, prazer.*

Caminho na ponta dos pés quando chego ao segundo andar. A luz está apagada, e não me arrisco a acendê-la. Melhor ficar no escuro quando atravessar o andar de cima.

Estou prestes a colocar o pé no primeiro degrau quando acho que vejo alguma coisa. Meu coração dispara, e dou um pulo para trás ao perceber que não estou sozinho. Um resquício de masculinidade me impede de gritar, e aperto a palma da mão contra o interruptor, recuando mais um pouco. A luz fraca de uma lâmpada econômica mal ilumina o corredor, mas consigo ver o suficiente para me acalmar.

— Porra, que susto! — resmungo, passando a mão pelo queixo com barba por fazer.

Apoio o punho no peito sem tirar os olhos da pessoa sentada no chão, encostada na parede. Com o capuz puxado sobre a cabeça e as pernas dobradas em cima de um par de Vans pretos gastos, não consigo dizer se é um garoto ou uma garota. Espero alguma reação, mas ela, ou ele, mantém a cabeça baixa.

Enquanto recupero o fôlego, percebo uma música tocando baixinho. Deve ser por isso que a pessoa nem notou minha presença. Provavelmente é um adolescente chapado precisando de uns minutos para se estabilizar antes de voltar para a casa dos pais. Sorte a dele que não foi a síndica que o encontrou; senão a polícia já teria pintado aqui.

— Boa noite — falo, retomando minha subida.

Nada de resposta.



Finalmente chego à minha porta e, no escuro do apartamento, tiro as botas e jogo a jaqueta no sofá. *Droga!* Ela cai no chão e fica por lá. Sem namorada fixa, sem colega de apartamento maníaco por limpeza, posso fazer a zona que eu quiser. Vantagens de morar sozinho.

Sem a menor vontade de tomar um banho, me jogo no sofá e apago quase de imediato.



São as vibrações do meu celular que me tiram do semicomá. Parece que dormi só uns quinze minutos. Depois de pigarrear e testar a voz umas duas vezes, deslizo o dedo na tela para atender Carter.

— Alô?

— Lane, espero não estar te acordando!

Afasto o telefone do ouvido e, depois de piscar uma dúzia de vezes, consigo enxergar a hora.

— Seis da manhã, você tá de sacanagem? É claro que me acordou, idiota!

— Olha só, o garoto tá mal-humorado...

— Você me largou em casa à meia-noite, não poderia esperar mais umas horas pra ligar? É domingo!

— Fazer o quê, já estava com saudade de você, meu amor! — Ele ri antes de continuar: — Tive uma ideia insana pro roteiro! Eu estava tirando a roupa e...

— Corta!

— Vamos precisar de atores que não tem medo de nada e de um produtor meio maluco. Posso passar aí pra te contar?

— Nem fodendo! Não às seis da manhã, Cart! Liga de novo lá pelas onze! Desligo antes que ele tente negociar.

Fico de olhos fechados cinco minutos, talvez dez, mas já era: não vou conseguir dormir de novo. Me arrasto para fora do sofá, xingando meu amigo com uma voz rouca, e vou até o balcão da cozinha.

Fuçando nos armários, percebo que o dia já começou errado. Não importa o quanto eu procure, não tem nem um grão de café. Alguém, com certeza, acabou com meu estoque. Donovan, provavelmente. *Ele vai me pagar.*

Calço os tênis sem amarrar e bato a porta ao sair, apertando no automático o botão do elevador.

— Ah, puta merda, continua quebrado... — resmungo, lembrando da pane.

Deço correndo as escadas e quase disparo até o terceiro andar para escapar da ameaça fantasma.

— Sério isso? — murmuro ao chegar no segundo, dando de cara com a mesma pessoa sentada no mesmo lugar de ontem.

Me pergunto o que faz alguém passar a noite ali, mas o chamado do café é mais forte, então engulo minhas perguntas.



Felizmente, a mercearia da esquina está sempre lá para salvar meus dias complicados. Não sei se o Sami, o dono, chega a dormir de vez em quando, mas a loja parece estar sempre me esperando. Às seis e doze da manhã, com a rua silenciosa e *quase* todo mundo ainda apagado, um pacote de café me encara de uma das prateleiras.

— Você salvou minha vida, Sami! Acho que quero casar com você!

— Tem noção de que esse pedido é bem estranho, né? — pergunta ele com a voz rouca.

Coço o queixo e balanço a cabeça.

— Bota na conta da abstinência, ok? — respondo, largando uma nota no balcão.

— Beleza. Bom dia, amigo.

— Pra você também.

Volto pra casa abraçando o café contra o peito como se fosse meu primogênito e, quando chego de novo ao segundo andar do prédio, uma pontinha de curiosidade desperta na minha mente. Fico parado diante do intruso imóvel, tentando enxergar o rosto, mas o maldito capuz não deixa.

— Ei! Alô?

Tento fazer todo tipo de barulho, mas nada. Nenhuma reação.

— Você não deveria estar aqui...

Muito curioso, me aproximo da figura encolhida sob roupas largas e me agacho, mas mantenho uma distância estratégica; já vi filmes de terror o suficiente com esquisitões pulando na sua garganta do nada. Não estou a fim de oferecer minha carótida como lanche.

— Tá tudo bem? — pergunto, cutucando o ombro da pessoa com o indicador.

E aí, milagre!, uma reação. Uma reação atômica, na real. A pessoa salta quase quinze centímetros do chão, e solta um grito rouco recheado de palavrões. Então, uma mão fina sai do bolso da frente do moletom e, perplexo, vejo unhas pintadas desaparecerem sob o capuz enquanto ela arranca os fones de ouvido. Um segundo depois, o tecido desliza e revela uma cabeleira castanha desgrenhada caindo sobre um rosto cansado. Um rosto de garota.

— Que horas são? — grasna ela, apertando os olhos castanhos.

— Seis e meia.

— Merda...

Analiso o rosto manchado e as pálpebras inchadas.

— Aconteceu alguma coisa com você?

Ela me encara com um misto de antipatia e desespero, e eu estremeço sem querer.

— Alguém te machucou?

Ela abre a boca, mas não responde. Depois de um tempo, parece decidir que pode muito bem me contar sua vida por um tempinho. Que sorte a minha!

— Sim... — confessa ela, fazendo uma careta.

— Quer que eu chame a polícia? — ofereço, ficando tenso.

— Pra quê? — resmunga ela, com desprezo. — Acabei de levar um fora, não acho que eles se importem muito. Fora — repete, testando a palavra como se fosse a primeira vez que a pronunciava.

— Ah! — Suspiro, aliviado, e sorrio para ela. — Pensei que fosse coisa pior!

— “Coisa pior”? — cospe ela, como se nada pudesse ser mais grave do que levar um fora.

— Você passou a noite aqui?

A resposta é óbvia, mas falei sem pensar.

— Parece que sim... — responde ela, dando de ombros.

Faz outra careta e se estica até estalar o pescoço para os dois lados.

— E pretende ficar aqui por muito tempo?

— Por que você quer saber?

— Calma! Por mim, tanto faz, mas a síndica com certeza vai chamar a polícia se te encontrar aqui. Ela adora rondar os andares atrás de inquilinos que andam fora da linha.

— Aquela velha idiota da Sra. Curtis... — murmura, enxugando o nariz com a manga.

— Você a conhece? — pergunto, surpreso.

— Claro, moro aqui! Quero dizer... morava aqui...

E então ela desaba em lágrimas de vez, encharcando ainda mais o rosto já borrado pela maquiagem que escorreu e secou nas bochechas.

Merda, o que eu faço agora?

Fico parado, sem saber o que dizer. Normalmente, eu já teria voltado para o meu apartamento, mas alguma coisa me prende. Talvez as lágrimas dela despertem lembranças que prefiro deixar quietas, mesmo que um fora não seja motivo suficiente para se abalar assim. Tem coisas bem piores... Perder alguém para sempre, por exemplo.

Cerro os dentes para conter um comentário e respiro fundo. Meu olhar vai do pacote de café que seguro nas mãos até a garota.

— Quer um café? — solto, meio a contragosto, exibindo meu tesouro.

Ela continua em silêncio, soluçando. Já fiz meu papel de bom samaritano, então desisto e subo dois degraus, mas travo de novo e lhe lanço um último olhar interrogador. Não a conheço, mas me sinto culpado por vê-la assim. Maldita mania!

— Última chance! — insisto, cansado.

Ela finalmente ergue o rosto na minha direção, depois olha para o corredor algumas vezes. Dá para sentir a hesitação, como se qualquer movimento fosse selar o destino dela.

— Não vou te cortar em pedaços e esconder os restos em potes de sorvete, relaxa.

— Pensei mais em você me sufocar com um saco plástico antes de largar meu corpo num porão úmido — resmunga ela, emburrada.

— Não tenho porão, além disso meus sacos de lixo são de péssima qualidade. Seria moleza me descobrir!

Ela morde o lábio, como se realmente acreditasse que eu fosse atacá-la, e, sem paciência, subo mais quatro degraus.

— Beleza, faz como quiser. — Suspiro. — Já quebrei todas as minhas regras de ermitão blasé — concluo, deixando-a ali.

Sigo até minha porta, surpreso por ter me importado tanto com a situação dela. Não que eu seja um egoísta de merda, mas desilusões amorosas não são exatamente a minha praia.

Sem me virar, dou um chute com o calcanhar na porta para fechá-la e fico esperando o estalo. Só que nada acontece, e acabo tendo que olhar por cima do ombro. No batente, com a mão apoiada na madeira gasta, está a garota da escada, pensativa. O moletom vai até os joelhos dela, quase competindo com os cabelos. Parece tão jovem que espero, sinceramente, não estar trazendo uma estudante do ensino médio fugitiva para dentro de casa.

— Ah! Mudou de ideia?

— É... — Ela suspira, engolindo um soluço.

— Superou o medo de ser assassinada pelo psicopata do prédio?

Ela dá de ombros.

— Talvez eu só não ligue mais...

Com uma sobranceira arqueada, vejo-a fechar a porta atrás de si e avançar para o meu sofá. Enquanto se acomoda devagar, eu me viro para preparar o café. Olho por cima do ombro várias vezes: primeiro ela encara a janela, depois joga a cabeça para trás, cobre a testa com as mãos e fecha os olhos.

O que foi mesmo que me deu *pra trazer essa garota pra cá*? Poderia ter enrolado por duas horas antes de Carter aparecer, mas cá estou eu, com uma vizinha desmoronando na sala. Uma garota de coração partido, *que maravilha!*

— Quantos anos você tem? — pergunto, por precaução.

— Dezoito.

Ufa.

Quando o café termina de passar e encho metade de uma caneca vermelha, me aproximo dela. Agora está esticada no sofá, dormindo profundamente. Estendo o dedo até quase tocar o braço dela, mas paro a poucos centímetros e recuo.

— Olha só... Pra quem estava morrendo de medo, você até que está bem à vontade! — sussurro, para não acordá-la.

Deixo a caneca fumegante na mesa de centro e a observo por alguns segundos. O capuz foi para trás, um par de Ray-Ban surgiu do nada no rosto, e a respiração ainda é irregular. Que cena.

— Bom...

Me encosto na bancada e tomo longos goles do meu café. Não sei se devia deixá-la ali ou ligar pra algum amigo pra evitar que ela se instale de vez. Mas acabo decidindo deixá-la em paz. Não tenho nada de valor em casa, não corro grandes riscos oferecendo um teto por um tempo.

Me afasto devagar e sigo para o meu quarto, sem ter a menor ideia do que acabei de deixar entrar no meu apartamento.

2



LOIS

BUM!

Fico sem ar e completamente desorientada. Deitada de bruços sobre um assoalho de madeira maciça, numa sala mergulhada na escuridão, não tenho a menor ideia de onde estou.

— O que... — murmuro, com a boca seca.

Me apoio nos cotovelos, mas estou tão fraca que logo desabo de novo no chão. Arranco os óculos com a mão trêmula e afasto as mechas coladas nas bochechas e nos lábios.

Depois de alguns minutos tentando colocar os pensamentos em ordem, volto a tomar consciência da realidade. Meu primeiro reflexo é rolar de costas e pegar o celular no bolso. Solto ele dos fios dos fones de ouvido enrolados e tento ligar para o meu namorado.

— Atende, Kirk, por favor.

Caixa postal.

Tento de novo, duas, talvez dez vezes. Em vão. Isso não pode estar acontecendo. É um pesadelo horrível, e eu vou acordar. *Respira, Lois. Está tudo bem. Você vai acordar na sua cama, ao lado do Kirk, e vocês vão se beijar como fazem desde que foram morar juntos. Vão se beijar como fazem há quatro anos.*

“Pra mim deu, Lois.” A voz dele ainda ecoa nos meus ouvidos. A mesma voz que até ontem me sussurrava palavras de amor. Essas quatro palavras não têm peso nenhum, não significam nada, não é? Pra mim deu. Ele só poderia estar falando sobre querer largar o basquete. É, claro. Deve estar querendo largar aquele esporte que pratica mais para agradar os pais do que por vontade própria. Ou talvez estivesse falando do cigarro. Já faz quase dois anos que ele promete parar. Não pode estar falando da gente. Impossível. Estamos juntos desde os quatorze anos, nossa história não pode acabar assim.

Para ser largada, a pessoa precisa ter feito alguma coisa errada, não é? Mas por mais que eu pense, não consigo imaginar o que eu teria feito de tão grave. Ao contrário, sempre organizei toda a minha vida para que Kirk fosse feliz. Percebi que ele estava estranho durante o verão, mas achei que fosse por causa da ansiedade do início da faculdade. No fim das contas, não estava totalmente enganada: ele já deveria estar pensando em tudo que iria perder chegando no campus com uma namorada. Ele me disse coisas... coisas que eu jamais teria acreditado ouvir da boca dele.

Quando finalmente consigo respirar sem que o ar fique preso na garganta, me arrasto de volta para o sofá de onde tinha caído e observo a sala em que adormeci. O forno marca três e quarenta e sete. Merda, perdi totalmente a noção do tempo. O vizinho disse que eram seis e meia quando a gente se falou mais cedo, e é difícil acreditar que ele tenha me deixado dormir no apartamento dele o dia inteiro.

O que eu vou fazer agora? A única coisa de que tenho certeza é que eu não deveria estar na casa desse vizinho do quinto andar, que eu nunca tinha visto na vida. Ele deve ter acabado de se mudar, porque moro aqui desde junho e nunca o encontrei. Tá certo que estou com as pálpebras muito inchadas de tanto chorar, e esse rímel barato escorrendo nos meus olhos não ajuda em nada. Mas ainda assim, ele deveria me parecer familiar!

Enfim, sai de uma escada grudenta para um sofá que cheira a peito peludo. Estou sentada no meio da sala de um estranho, que poderia facilmente me picar em pedaços e enfiar no congelador. Eu deveria levantar e sair daqui agora mesmo. Mas ir pra onde?

Não consigo imaginar colocar um pé sequer para fora deste prédio. Se eu fizer isso, vai significar que minha história com o Kirk acabou de vez. E não posso aceitar isso. A ideia de voltar para a casa dos meus pais é logo descartada, mesmo eles sendo as pessoas mais incríveis do mundo. Somos

muito próximos, mas eu não quero falar disso com eles. Não entenderiam, e só iam me deixar ainda mais triste.

A dor no meu peito martela contra minhas têmporas. Por mais que eu feche os olhos e pressione com as mãos, é forte demais. Me deito de novo e fecho os olhos. Se eu apertar com força suficiente, talvez consiga afastar as imagens de solidão que se formam na minha cabeça. Pelo menos, espero. Tento. Em vão.

— Ah, merda! — xingo, me erguendo de repente.

Começo a andar em círculos ao redor da mesa de centro como uma louca sem rumo. Respiro fundo algumas vezes, mas, na terceira, os soluços voltam. E a maré transborda outra vez sob meus cílios. As poucas forças que me impediam de desabar somem, e eu caio de joelhos. Seguro os gemidos que querem escapar pela boca e cravo as unhas roídas na madeira gasta da mesa. Eu preciso dormir mais um pouco. É o único jeito eficaz que conheço de fugir da realidade. Então programo o despertador, pego meus óculos escuros para esconder minha fraqueza, abaixo o capuz sobre os cabelos embaraçados e volto a me deitar no sofá totalmente impróprio. Bem no meio de um apartamento desconhecido. Dane-se. Neste momento, não tenho nenhum ponto de apoio para me segurar, então posso muito bem ficar aqui mais um pouco.



O sono não dura, abro os olhos antes mesmo de o despertador tocar. Tiro os óculos e lanço um olhar embaçado para o visor do forno. Sete e dezenove. Me sento, as pálpebras inchadas e a sensação de onze picaretas enfiadas no crânio. A décima segunda no estômago. A décima terceira no peito, mais larga e cortante que as outras. Agarro os joelhos, belisco a pele e respiro fundo, o ar dolorido e entrecortado. Depois tiro o celular do bolso da blusa. Nenhuma ligação, nenhuma mensagem. Só uma enxurrada de notificações do Facebook. Clico no ícone e abro o perfil do Kirk, mesmo sabendo que não deveria. Mas preciso ver ele, estou com uma saudade que parece coisa de uma eternidade. Uma vozinha me sugere tirar o dia para respirar, mas não consigo evitar rolar pelas fotos. Fotos dele... sozinho. *Não é possível que ele já tenha...*

Meu dedo desliza pela tela, de novo e de novo. Eu não estou mais lá, não existo mais. Ele apagou tudo. *Acabou, Lois.*

Levo a mão à boca e continuo nesse ritual masoquista. Subo o feed até a descrição do perfil, onde meu nome estava orgulhosamente em negrito até a semana passada: “Em um relacionamento sério com Lois Hogan”. Mas, hoje de manhã, desapareci de vez. A frase sumiu. *Tudo* sumiu. Eu quase agradeceria por ele não ter trocado essa parte da minha vida por um horrível “Solteiro”. Imagino que ter meus irmãos entre os contatos dele o convenceu a manter a descrição. Obrigada, meu Deus! Me recuso que a nossa ruptura seja exposta para o mundo todo ver. Ainda alimento a esperança absurda de consertar tudo antes que isso aconteça.

Por fim, enfio de novo o maldito aparelho no bolso do moletom e encaro, com o olhar perdido, a cozinha americana à minha frente. O silêncio desde que acordei é de repente interrompido pelo som distante de água corrente, e lembro onde estou. *Caramba, eu preciso sair daqui!* Não quero ver de novo o homem que mora aqui, por mais prestativo que seja.

Fico de pé num pulo, faço uma careta quando a dor de cabeça lateja mais forte e corro até a porta de entrada. Eu deveria agradecer, é o mínimo, mas já estou no hall do primeiro andar quando me dou conta disso.

Fico paralisada diante da porta do meu apartamento. Quero dizer, do apartamento do Kirk. Meu pai me alertou no dia em que anunciei que ia morar com ele no apartamento da avó, que tinha falecido na primavera anterior. Ele me aconselhou a pegar um quarto no campus, a cultivar minha independência e blá-blá-blá, mas achei que fosse só paranoia de pai e segui em frente. Eu só esperava por isso: nossa vida juntos. Me mudei para a casa do Kirk sem pensar um segundo nas consequências de um término.

“Vou deixar suas coisas na casa da Sra. Curtis, tenho certeza de que a Rebecca vai topar te hospedar até você arranjar algo melhor”, ele me disse num tom indiferente, com um dar de ombros displicente.

Aproximo-me da porta, o punho suspenso no ar. Quero bater, implorar para ele me deixar entrar e, ao mesmo tempo, sei que não estou pronta para um segundo round.

Quando ouço passos na escada, fujo feito ladra pega em flagrante. Não quero correr o risco de uma humilhação pública.

Freio diante da portaria e empurro a porta de vidro, o coração subindo até a garganta.

— É o quê? — dispara a síndica num tom azedo, afastando da orelha enrugada um telefone tão velho quanto ela.

— Bom dia, eu...

— Ah, é você! — cospe assim que me reconhece. — Eu já tinha avisado o Sr. Olson que isso não poderia ficar aqui mais de algumas horas. Já ia jogar tudo no lixo!

Merda, eu contava com poder pedir que ela guardasse minhas coisas até de noite! Quase não consigo encarar as três bolsas gigantes empilhadas num canto, as mesmas que deixei feliz da vida na casa do Kirk há menos de dois meses. Em vez de sair de férias, me dediquei a montar nosso ninho aconchegante. Como é que cheguei a isso? O que foi que perdi no caminho?

A Sra. Curtis retoma a conversa ao telefone, deixando claro que já a fez perder tempo demais. Jogo a primeira bolsa no ombro e faço o mesmo com a segunda, quase tombando para trás com o peso. Seguro como dá e agarro a última, sem esquecer a mochila com meu notebook. Essencial, já que hoje é o meu primeiro dia na universidade...

— Bom dia. — Suspiro, recuando até a saída. Ela só abana a mão, sem me olhar.

Caminho com dificuldade até a calçada. Largo a bagagem aos meus pés, respiro fundo e me sento ali mesmo. Tá, e agora? Eu poderia ligar para a Rebecca, talvez ela aceitasse me deixar dormir no chão do quarto universitário dela até o Kirk mudar de ideia. Mas não tenho forças para encarar minha amiga. Aliás, “amiga” é até exagero. Não nos conhecemos há tanto tempo assim, só ficamos próximas quando ela me mostrou o campus em maio. Ela é superlegal, trocamos mensagens quase todo dia, mas tenho vergonha de pedir abrigo. E, além disso, ninguém pode saber. Eu vou dar um jeito. Sem falar que não suporto a ideia de me afastar daqui.

— Opa, aí está você!

Levo um susto com a voz que soa atrás de mim. Ao me virar, reconheço sem dificuldade o cara do quinto andar.

— Oi — murmuro, mordendo a bochecha.

— Por um segundo pensei que meu sofá tivesse te engolido. Acabei de dar uma baita bronca nele! A tal da presunção de inocência... — acrescenta, batendo as mãos. — Eu deveria ter me lembrado disso!

Ele está à vontade, falando como se o dia estivesse lindo e ensolarado. Ok, até que está, mas o resto está horrível. Horrível! Quase me irrita ver ele com essa pose.